



Construindo corpora bilíngues quimbundo-português-quimbundo

Building Kimbundu-Portuguese-Kimbundu bilingual corpora

Paulo Jeferson Pilar Araújo

Universidade Federal de Roraima (UFRR), Boa Vista, Roraima / Brasil

paulo.pilar@ufr.br

<https://orcid.org/0000-0002-9965-3444>

Resumo: Discute-se neste artigo as possibilidades para a construção de corpora bilíngues quimbundo-português-quimbundo para o estudo de fenômenos de contato linguístico entre essas duas línguas. Faz-se uma aproximação entre as áreas da Linguística de Corpus e da Linguística Africana, enfatizando-se o caso dos contatos linguísticos presentes nos corpora em vista. Defende-se que o quimbundo e o português têm uma relação histórica que permite a elaboração de um corpus escrito a partir de sua tradição descritiva iniciada no século XVII e de um corpus de fala decorrente de projetos de pesquisa recentes que se ocupam de variedades vernaculares do português e sua relação com a língua africana deste estudo. Para tanto, buscou-se fazer um estudo do estado da arte da descrição do quimbundo e do português angolano com o objetivo de demonstrar a necessidade e viabilidade da produção de corpora bilíngues escrito e de fala quimbundo-português-quimbundo. Espera-se que a produção de corpora bilíngues quimbundo-português-quimbundo possa contribuir para o conhecimento da situação de contato visualizado entre as duas línguas, pautando-se em material empírico necessário para o entendimento da real situação de contato entre essas línguas de Angola além de embasar com dados empíricos hipóteses como a de um continuum afro-brasileiro de português.

Palavras-chave: corpora bilíngues; quimbundo; português; contato linguístico; Angola.

Abstract: This article discusses the possibilities for building Kimbundu-Portuguese-Kimbundu bilingual corpora in order to studying language contact phenomena between these two languages. An approximation is made between the areas of Corpus Linguistics and African Linguistics, emphasizing the case of linguistic contact in the corpora in

sight. It is argued that Kimbundu and Portuguese have a historical relation that allows the elaboration of written corpus based on the documents of its descriptive tradition that started in the 17th century and a spoken corpus resulting from recent research projects that deal with vernacular varieties of Portuguese and its relation to the African language of this study. To this end, we sought to study the state of the art of the description of Kimbundu and Portuguese in Angola in order to demonstrate the need and feasibility of building bilingual written and spoken Kimbundu-Portuguese-Kimbundu corpora. It is hoped that the production of these bilingual corpora may contribute to the knowledge of the situation of contact between both Angolan languages under study, based on empirical material necessary to understand the real situation of contact between these languages of Angola besides to support hypothesis about an Afro-Brazilian continuum of Portuguese.

Keywords: bilingual corpora; Kimbundu; Portuguese; Language contact; Angola.

Recebido em 11 de outubro de 2020

Aceito em 25 de novembro de 2020

1 Introdução

Nos meses de julho e agosto de 2013 foi realizado trabalho de campo exploratório no município do Libolo, província do Kwanza Sul, Angola. Foram realizadas várias entrevistas e gravações diversas com os moradores da região e coletados basicamente dados do quimbundo e do português local. Com o início das transcrições dessas entrevistas, em 2014, verificou-se que uma parte considerável dos dados era bilíngue quimbundo-português, apresentando ocorrências de empréstimos e *codeswitching*, trazendo para a produção do corpus específico das línguas do Libolo a problemática de como trabalhar na produção de corpora bilíngues quimbundo-português e português-quimbundo (a partir daqui quimbundo-português-quimbundo) com fins de analisar adequadamente a situação de contato linguístico entre as duas línguas explicitada nos casos de *codeswitching* e de empréstimos encontrados na variedade da língua africana ali denominada *ngoya*, do grupo quimbundo (H20).¹

¹ A tradição bantuista, desde a classificação das línguas bantas por Guthrie (PETTER, 2015, p. 60) utiliza letras e números para identificação das línguas. Uma letra indica uma zona, por exemplo H, uma letra e número um grupo: H20 é o grupo quimbundo, já H21 é o grupo dialetal mbundo, quimbundo. Assim, ao se fazer referência ao quimbundo

Pensando nisso, buscaram-se exemplos de casos de corpora bilíngues de outras línguas bantas ocupados com a questão dos empréstimos e *codeswitching* que pudessem servir como diretriz para esta investigação. No entanto, mesmo nas duas edições da obra de referência da linguística bantuista (NURSE; PHILIPPSON, 2003; VELDE *et al.*, 2019), apesar de um capítulo dedicado para o contato de línguas, quase nada é dito sobre a construção de corpora para línguas africanas. Este artigo discute essa problemática, a da inter-relação entre a Linguística de Corpus (SARDINHA, 2004) com a Linguística Africana (PETTER, 2015) via as questões do contato linguístico de línguas pouco ou não descritas (ADAMOU, 2016), tomando como exemplo o caso da produção de corpora bilíngues quimbundo-português-quimbundo.

As seções que compõem este artigo são: seção teórica e de problematização em 2 onde se busca relacionar a Linguística de Corpus com a Linguística Africana com uma breve apresentação dos corpora de línguas africanas existentes e a particularidade dos corpora bilíngues para essas línguas. A seção 3 apresenta a língua quimbundo (H20) e o português de Angola e os projetos atuais ocupados em descrevê-los. A seção 4 detalha a metodologia na constituição do corpus do Libolo. Em 5 são discutidos mais diretamente a produção de corpora bilíngues quimbundo-português-quimbundo e os desafios de tal empreitada, tomando os fenômenos de contato linguístico como especificidade de corpora bilíngues como os pretendidos neste trabalho. Ao final da seção 5, são exemplificados os casos de empréstimos do português no quimbundo e a forma como a inter-relação entre corpus escrito e de fala pode contribuir para um melhor conhecimento dos contatos históricos entre o quimbundo e o português (angolano e brasileiro) em teorias e hipóteses que tentam explicar a formação do português brasileiro (PB) e um continuum afro-brasileiro de português (LÓPEZ; GONÇALVES; AVELAR, 2018; PETTER, 2008).²

sem a especificação dialetal será utilizada a indicação do grupo, H20, mesmo sabendo da classificação para o dialeto *ngoya* como H23 (HAMMARSTRÖM, 2019, p. 39), levando em conta que uma investigação sobre o continuum dialetal do quimbundo ainda aguarda uma descrição mais aprofundada.

² Na impossibilidade de dedicar uma subseção para conceituar a hipótese de um continuum afro-brasileiro de português citado neste último parágrafo, por fugir do escopo do trabalho, remeto o leitor aos trabalhos supracitados, reservando as próximas seções à temática central do artigo. Da mesma forma, considerando que a literatura sobre

2 A Linguística de Corpus e a Linguística Africana

Diferentemente da Linguística de Corpus e outras disciplinas como a Linguística do Contato para as quais se costumam indicar datas de nascimento (o Corpus Brown 1964 e a obra de Weinreich, 1953, respectivamente), a Linguística Africana tem sua história ligada ao passado colonial, remontando ao século XVI com as primeiras obras de catequese ocupadas com o aprendizado de línguas africanas. Será apenas em meados do século XX que o estudo das línguas africanas toma um caráter disciplinar, conforme periodização apresentada por Petter e Araújo (2015, p. 29-41). No entanto, algumas obras são apontadas como referência na constituição da Linguística Africana como a de Greenberg (1963) *The Languages of Africa*. Mesmo com um histórico extenso na sua constituição, a Linguística Africana ainda se ocupa basicamente na descrição das mais de 2 mil línguas do continente africano, o que de certo modo interfere em uma maior proximidade entre ela e a Linguística de Corpus como esta é conhecida para línguas majoritárias.

Conforme pode ser verificado em obras de referência da Linguística Africana (GÜLDEMANN, 2018; VOSSEN; DIMMENDAAL, 2020; WOLFF, 2019), ao menos um capítulo é dedicado ao contato linguístico, mesmo que transversalmente sobre áreas linguísticas, enquanto para a Linguística de Corpus ocorrem apenas menções a corpus específicos em determinados capítulos. Os estudos baseados em corpus para o caso das línguas africanas são ainda escassos, dentre alguns motivos citam-se: (i) o estatuto de línguas pouco ou não descritas da maioria das línguas africanas; (ii) as políticas linguísticas; e (iii) a representatividade das línguas africanas na glotopolítica internacional. Em breves palavras, o primeiro item desvela a situação das línguas da África e a necessidade de descrição, documentação e publicização dos corpora utilizados no processo de gramatização dessas línguas. O segundo item está relacionado às políticas linguísticas de cada país em relação à língua oficial, geralmente de origem colonial, e as línguas nacionais ou nativas. Cada país tem diferentes políticas, a exemplo da África do Sul que possui 9 línguas africanas com estatuto de língua oficial enquanto Angola possui apenas o português como língua oficial e oferece atenção para 6 línguas

empréstimos e *codeswitching* é bastante ampla e relativamente acessível em artigos, teses e dissertações de acesso aberto, sugiro a consulta a obras mais específicas sobre esses fenômenos do contato linguístico.

nacionais, das mais de 40 línguas do país. Eleger línguas africanas como línguas oficiais é uma medida favorável para a produção de corpora para essas línguas, a exemplo das línguas da África do Sul (ALLWOOD; HENDRIKSE, 2003). O terceiro item tem a ver com a visibilidade e importância política dada às línguas e a preocupação com seu estudo e promoção. O melhor exemplo é o suaíli, considerada língua franca em grande parte do leste africano e que goza de estatuto internacional dentro do continente africano.

Outras questões podem ser elencadas transversalmente àquelas acima, como a da escassa existência de documentos históricos escritos de grande parte das línguas africanas, dentre outras. Apesar da relação parcialmente distante entre a Linguística Africana com a Linguística de Corpus, podem-se citar alguns exemplos de corpora de línguas africanas e um promissor desenvolvimento futuro das duas áreas.

2.1 Corpora de línguas africanas

Roux e Ndinga-Koumba-Binza (2019, p. 632-633) elencam alguns recursos on-line com indicação de corpora de línguas africanas disponíveis. Dentre eles, o *Open Language Archives* (OLAC), que apresenta informações sobre diferentes línguas africanas.³ Os autores mencionam ainda um blog com informações úteis sobre corpora existentes de línguas africanas.⁴ Citam rapidamente os websites da *Columbia University Libraries*,⁵ os arquivos da *African Language Technology* (AFLaT),⁶ além, claro, do *Ethnologue*.⁷ E por fim, uma iniciativa da *Oxford University Press* com o Projeto *Oxford Global Languages* (OGL).⁸ As referências virtuais oferecidas pelos autores não são exaustivas, mas dão uma ideia das empreitadas na construção de corpora de línguas africanas. Podem ser citadas outras iniciativas

³ Disponível em: <http://www.language-archives.org/area/africa> Acesso em: 10 out. 2020.

⁴ Disponível em: <https://corplinguistics.wordpress.com/2012/02/08/african-language-corpora/> Acesso em: 10 out. 2020.

⁵ Disponível em: <https://library.columbia.edu/> Acesso em: 10 out. 2020.

⁶ Disponível em: <https://www.aflat.org/> Acesso em: 10 out. 2020.

⁷ Disponível em: <https://www.ethnologue.com/> Acesso em: 10 out. 2020.

⁸ Disponível em: <https://languages.oup.com/research/community/> Acesso em: 10 out. 2020.

não mencionadas pelos autores, como o *Langage, Langues et Cultures d'Afrique* (LLACAN),⁹ as propostas da *African Academy of Languages* (ACALAN),¹⁰ o CorpAfroAs,¹¹ dentre outros, principalmente página de centros de Estudos Africanos de diversas universidades. No entanto, esses corpora são de tamanhos modestos comparados com outros, até por se tratar de línguas sub-representadas e de minorias étnicas.

O quimbundo é um exemplo de língua sub-representada que, apesar de ser objeto de estudos e ter uma tradição de publicações no passado, é dificilmente encontrado nesses repositórios de corpora. Alguns fatos históricos explicam em parte a pouca atenção voltada para essa língua banta, considerando sua importância nos estudos sobre a influência africana no português brasileiro, por exemplo. A Guerra Civil Angolana que durou de 1975, ano da independência de Angola, até 2002, contribuiu sobremaneira para o atraso de estudo mais atuais sobre a língua.

2.2 Corpora bilíngues

Em se tratando de corpora monolíngues é possível encontrar alguns recursos on-lines como aqueles apresentados na subseção anterior, no entanto, o cenário se torna menos animador para corpora bilíngues de línguas africanas. Com algumas exceções, por exemplo, em países anglófonos, encontram-se corpora bilíngues para diferentes línguas africanas em relação com o inglês africano (ESIMAJE; GUT; ANTIA, 2019). Talvez o exemplo mais conhecido seja o *Helsinki Corpus of Swahili* (HCS 2.0) em suas versões anotadas e não anotadas.¹² Para a construção de corpora similares ao HCS é necessário um estágio de descrição da língua razoável, o que não é o caso da maioria das línguas bantas (VELDE *et al.*, 2019). As etapas na construção de corpora bilíngues requerem, além do aparato tecnológico bem detalhado na literatura (DEUCHAR, *et al.*, 2014; BARRIÈRE, 2016), os recursos

⁹ Disponível em: http://llacan.vjf.cnrs.fr/ressources_en.php Acesso em: 10 out. 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://acalan-au.org/aboutus.php> Acesso em: 10 out. 2020.

¹¹ Disponível em: <http://corpafroas.tge-adonis.fr/> Acesso em: 10 out. 2020.

¹² Disponível em: <https://metashare.csc.fi/repository/browse/helsinki-corpus-of-swahili-20-hcs-20-annotated-version/232c1910b9eb11e5915e005056be118e59fb2e920f1f4c0cafc94915fc6f5cac/> Acesso em: 10 out. 2020. Outro website de interesse está disponível em: <https://www.goswahili.org/> Acesso em: 10 out. 2020.

imprescindíveis da gramatização das línguas, ou seja, a produção de gramáticas de referência e dicionários, sendo que o caminho inverso é também válido, o da produção de gramáticas e dicionários baseados em corpora. Mas este último caso para línguas majoritárias com uma tradição de descrição consistente.

Verifica-se ainda que boa parte dos corpora bilíngues como aqueles coligidos em Esimaje, Gut e Antia (2019) voltam-se para aspectos descritivos ou corpus de aprendizagem de língua, aspectos quantitativos são mais modestamente explorados.

3 O quimbundo e o português em Angola

O quimbundo e o português têm um histórico de contato de séculos. É interessante ressaltar essa característica como forma de fundamentar a necessidade da construção de corpora bilíngues para essas duas línguas. Em primeiro lugar pela inegável participação histórica do quimbundo na formação do português brasileiro (BONVINI, 2009), segundo por essas duas línguas ainda estarem em contato contínuo em Angola, ensejando hipóteses de contato linguístico que enfatizem as semelhanças dos processos de mudança nas variedades do português no Brasil e em países africanos lusófonos da área banta, o já mencionado continuum afro-brasileiro de português (PETTER, 2008).

Faz-se, então, nas próximas subseções, uma breve apresentação das línguas angolanas e uma contextualização dos seus estudos.

3.1 O quimbundo e sua tradição descritiva

O quimbundo tem uma tradição descritiva considerável desde o seu passado colonial e missionário, como se pode observar no Quadro 1, no qual são elencados gramáticas, dicionários e coletâneas sobre a língua banta:

QUADRO 1 – Obras sobre o quimbundo (Século XVII ao XX)

Tipo	Ano	Autor	Obra
Gramáticas	1697	Dias	<i>Arte da língua de Angola</i>
	1805	Cannecattim	<i>Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda, ou angolense</i>
	1888/1889	Chatelain	<i>Gramática elementar do Kimbundu ou língua de Angola</i>
	1891	Batalha	<i>A Lingua de Angola</i>
	1934	Quintão	<i>Gramática de Kimbundu</i>
	1946	Baião	<i>Quimbundo sem mestre: gramática popular da língua Kimbundu conforme é falada nos distritos de Luanda e Malange</i> O Kimbundu prático ou guia de conversação em Português-Kimbundu (2 v.)
	1951 1957	Maia	<i>Guia prático para a aprendizagem das línguas Portuguesa e Omumbuin;</i> <i>Lições de gramática de quimbundo</i>
Dicionários	s./d.	Assis Jr.	<i>Dicionário Kimbundu-Português</i>
	1804	Cannecattim	<i>Diccionario da lingua bunda, ou angolense explicada na portugueza, e latina</i>
	1893	Matta	<i>Ensaio de dictionario Kimbundu-Portuguez</i>
	1961	Maia	<i>Dicionário complementar português-kimbundo-kikongo</i>
Diversos	1894/1964	Chatelain	<i>Folk tales of Angola/Contos populares de Angola</i>
	1642	Pacconio	<i>Gentio de Angola sufficientemente instruido nos mysterios de nossa sancta Fé</i>
	1922	Wendling	<i>Catecismo da Doutrina Cristã em Portuguez com uma versão em Kimbundo, Dialetto do Libolo</i> ¹³

Fonte: Elaboração do autor

Praticamente todas as obras anteriores ao século XX estão disponíveis em bibliotecas digitais do Brasil, Portugal, Alemanha e

¹³ Além dos primeiros catecismos produzidos no século XVII como o de Pacconio para o quimbundo, vale mencionar este catecismo produzido em 1922 no Libolo, de autoria do Padre Victor Wendling e que se encontra em Lisboa, no Centro de Documentação da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo. Tal documento foi localizado pelo professor Carlos Figueiredo, da Universidade de Macau e está sendo analisado pelo seu descobridor e colegas de pesquisa. Além desse catecismo, o professor Carlos Figueiredo (c. p.) informa que já localizou mais três dicionários, uma gramática e traduções bíblicas para a língua africana, documentos esses ainda em organização para análise.

Estados Unidos. É possível localizá-las em rápidas buscas na Internet. No entanto, versões digitalizadas das gramáticas do quimbundo de Quintão, Baião e Maia são de difícil acesso. A apreciação dessas obras tem sido realizada por diversos autores conforme indicado no trabalho de Fernandes (2015). Vale mencionar aqui a carência de estudos primorosos sobre esses documentos como o estudo de Rosa (2013) para a *Arte da língua de Angola* de Dias.

A disponibilidade de algumas dessas obras em meio digital possibilita o cotejo com descrições mais recentes ou em progresso. É importante frisar que apesar da distância temporal, a gramática do Chatelain por exemplo é considerada ainda como referência nos estudos do quimbundo, sendo utilizada em cursos (principalmente voltado para o público de adeptos de religiões afro-brasileiras como o candomblé angola) e em publicações que carecem de acesso a dados primários da língua.

Uma análise documental dessas obras teria, além do valor histórico, uma importante iniciativa para estudos diacrônicos do quimbundo em cotejo com dados atuais da língua.

3.2 Pesquisas recentes sobre o grupo quimbundo H20 e sua relação com o português

Nos últimos quase 40 anos o quimbundo tem sido objeto de estudo de trabalhos acadêmicos, notadamente teses, como os de Huth (1984), Pedro (1993) e Xavier (2010). Fora esses trabalhos, outros estudos interdisciplinares mais atuais sobre a língua, em seus aspectos históricos (VANSINA, 2001; VIEIRA-MARTINEZ, 2006) figuram entre as publicações que tomam a língua como foco. Vem ressurgindo também o interesse por trabalhos que discutem a situação e classificação do grupo H20 e seus dialetos (ANGENOT, MFUWA, RIBEIRO, 2011; ANGENOT; ANGENOT; HUTA-MUKANA, 2013; SOUSA; KUKANDA; SANTIAGO, 2011) além de análises de documentos históricos sobre o quimbundo (ANGENOT; KEMPF; KUKANDA, 2011; BONVINI, 2009; ROSA, 2013) e sua influência no português tanto no Brasil como na África lusófona (LÓPEZ; GONÇALVES; AVELAR, 2018; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018).

Logo após essa retomada de interesse pelo quimbundo, em 2012 e 2013, tiveram início dois projetos que deram impulso ao estudo dessa

língua angolana e sua relação com o português: o Projeto Temático “A Língua Portuguesa no Tempo e no Espaço”¹⁴ e o Projeto Libolo,¹⁵ respectivamente. Esses dois projetos tiveram subprojetos de doutorado e pós-doutorado relacionados tendo como foco principal a descrição de variedades do português angolano e o quimbundo como língua de substrato. Enquanto o Projeto Temático visava a produzir análises históricas do português a partir do Corpus Tycho Brahe (CTB),¹⁶ o Projeto Libolo, além de outros enfoques, buscava enriquecer o CTB com documentos do eixo África-Brasil. A obra de Oliveira e Araújo (2018) foi produzida no bojo de trabalhos relacionados aos dois projetos, tendo dois capítulos voltados para o quimbundo e o português do Libolo (ARAÚJO; PÉTER; JOSÉ, 2018; FIGUEIREDO, 2018).

Verifica-se que, dos primeiros catecismos do quimbundo no século XVII (Cf. QUADRO 1) à sua gramática pedagógica (ARSÊNIO; SEBASTIÃO; ADÃO, 2012), essa língua conta com uma bibliografia considerável em relação às demais línguas bantas de Angola. Falta, no entanto, uma linha de investigação descritiva que contemple todo esse corpo de trabalhos existentes sobre a língua, de modo que a relação histórica entre a língua banta e o português (e por que não outras línguas bantas vizinhas?) seja devidamente analisada. Um dos últimos trabalhos que se ocuparam de fenômenos de contato entre o português e

¹⁴ Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/55149/a-lingua-portuguesa-no-tempo-e-no-espaco-contato-linguistico-gramaticas-em-competicao-e-mudanca-pa/> Acesso em: 10 out. 2020.

¹⁵ O projeto *Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, histórico culturais, antropológicos e sócio-identitários*, também conhecido como *Projeto Libolo*, é parcialmente financiado pela Universidade de Macau e por entidades privadas filantrópicas de Angola. Trata-se de um projeto internacional e multidisciplinar cujos pesquisadores intervêm, de forma articulada, em pesquisas nas áreas de Linguística, História, Antropologia, Etnografia, Filologia e Ações Pedagógicas. O *Projeto Libolo* é também membro da Cátedra UNESCO em Políticas Públicas para o Multilinguismo e está devidamente patentado pelo Centro de Investigação e Desenvolvimento (R&DAO) da Universidade de Macau, sob o número de referência SRG011-FSH13-CGF, encontrando-se, desta forma, ao abrigo da vigente proteção de direitos autorais de propriedade intelectual designada por Copyright © 2016, R&DAO *University of Macau*. O Projeto Libolo está com site em construção a ser disponível em: <https://www.projetolibolo.com/> Acesso em: 10 out. 2020.

¹⁶ Disponível em: <https://www.tycho.iel.unicamp.br/home> Acesso em: 10 out. 2020.

o quimbundo é o de Miguel (2019), com foco na variedade de Luanda. Anteriormente, Mingas (2000) se ocupou da mesma temática sob um viés substratista.¹⁷

4 Metodologia

As propostas e os dados que serão apresentados nas próximas seções são decorrentes da minha participação em estágio de pós-doutorado nos diferentes projetos de pesquisa elencados em 3.2, o Projeto Libolo e o Projeto Temático “A Língua Portuguesa no Tempo e no Espaço” já apresentados. De início a preocupação sobre os estudos do quimbundo e do português da região do Libolo visava a entender os fenômenos de contato linguístico entre essas duas variedades linguísticas considerando que já havia uma equipe ocupada com a descrição da variedade do quimbundo *ngoya* da região e outra equipe ocupada com a variedade do português do Libolo. Sendo assim, seria necessário um trabalho de interseção entre as duas equipes de modo que se contemplasse a questão dos contatos entre a língua banta e a língua oficial angolana.

Em um workshop promovido pela FAPESP e pelo *British Council*, o *Researcher Links*,¹⁸ propus inicialmente a ideia de construção de um corpus anotado do português e do quimbundo como línguas em contato. Desde essa primeira proposta, iniciei a compilação e digitalização das diversas obras sobre o quimbundo (Cf. QUADRO 1). Paralelamente a isso, eram realizadas reuniões de grupos de pesquisa coordenadas pela professora Margarida Petter com o estudo da gramática escrita por Chatelain (1888/1889). Os trabalhos de transcrição de entrevistas e contos

¹⁷ Vale mencionar a ausência ainda de uma gramática de referência do quimbundo. Mark van de Velde (c.p.) informou que foi submetida uma proposta de capítulo sobre o quimbundo para a segunda edição do *The Bantu Languages* (VELDE *et al.*, 2019), mas o proponente não enviou o texto a tempo. Olga Kharytonava conduz nos últimos anos um projeto de pesquisa sobre o quimbundo. Disponível em: <http://kimbundu.ca/> Acesso em: 23 nov. 2020.

¹⁸ O workshop *The New Historical Linguistics and the World of Annotated Corpora* financiado pela FAPESP (Processo 14/50501-9) em convênio com o *British Council* agregou por cinco dias pesquisadores brasileiros e britânicos para discussões sobre a construção de corpora anotados e humanidades digitais. Informações sobre o evento estão disponíveis em: <https://www.york.ac.uk/language/research/centres/clhd/nhlwac/> Acesso em: 23 nov. 2020.

em quimbundo foram realizados com o auxílio de um colaborador de pesquisa nativo da variedade *ngoya* do quimbundo (H23) durante um mês em 2014. Com isso, foi possível realizar as análises iniciais sobre o contato do português e do quimbundo do Libolo com dados preliminares apresentados neste trabalho.

As pesquisas que têm sido desenvolvidas no âmbito do Projeto Libolo enfocam notadamente a descrição da variedade de português falado naquela região do Kwanza Sul, conforme os diversos trabalhos produzidos por seus investigadores (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2016, 2013; FIGUEIREDO, 2018, 2016). Em uma nova fase do Projeto Libolo, iniciada em 2018, em parceria com o Laboratório de Estudo Empíricos e Experimentais da Linguagem (LEEL) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), os dados do português do Libolo têm sido coletados e transcritos seguindo a metodologia do Projeto C-Oral-Angola, como mostram duas publicações (OLIVEIRA; ZANOLI; ANDRADE, 2018; ROCHA; MELLO; RASO, 2018). Antes da escolha metodológica pela família C-ORAL¹⁹ para o tratamento dos dados do português do Libolo, o processo de transcrição dos dados do português do Libolo foi iniciado com uma proximidade com a chave de transcrição do Projeto Vertentes, utilizada nos trabalhos em Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009).²⁰

Os materiais orais coletados em 2013 no Libolo eram então transcritos de forma contínua, contando com o trabalho de alunos de Iniciação Científica vinculados ao Projeto Libolo, passando por uma revisão feita pelos seus coordenadores. Para as transcrições das entrevistas em quimbundo ou com trechos em quimbundo e português, os pesquisadores recorriam a o auxílio de um falante da língua africana que soubesse ler e escrever em quimbundo. Para que se tenha uma ideia da constância da presença do quimbundo e do português nos dados, as Tabelas 1 e 2 apresentam as informações das entrevistas utilizadas nas primeiras análises. A Tabela 1 apresenta cerca de 4 horas de entrevistas da equipe do português, cada uma atentando para a caracterização da L1 e L2 dos entrevistados. Basicamente, metade dos entrevistados tinham

¹⁹ Para uma visão sobre o referido projeto, conferir o site do C-ORAL Brasil, disponível em: <http://www.c-oral-brasil.org/> Acesso em: 23 out. 2020.

²⁰ Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/> Acesso em: 10 out. 2020.

uma língua africana como L1, sendo que um deles tinha o umbundo como L1.²¹

TABELA 1 – Transcrições da Equipe do Português do Libolo²²

Identificação	Sexo	Idade	Local/ Comuna	Duração	L1	L2
[TEMALM3]	feminino	38	Mbanza da Cabuta/ Cabuta	00:25:18	Quimbundo	Português
[HALDOM2]	feminino	20	Mbanza do Kitondo/ Cabuta	00:10:26	Português	Quimbundo
[JOMAJH2]	masculino	15	Calulo	00:19:38	Português	Quimbundo
[HALDOM2]	masculino	68	Mbanza do Kitondo/ Cabuta	00:09:36	Português	Quimbundo
[DOKITHX]	masculino	?	Mbanza do Kitondo/ Cabuta	00:06:51	Quimbundo	Português
[MIJOMH2]	masculino	20	Mbanza do Kitondo/ Cabuta	00:08:09	Quimbundo	Português
[LUSAMH1]	masculino	8	Calulo	00:08:59	Português	?
[ALBAGH4]	masculino	43	Calulo	01:00:20	Quimbundo	Português
[ANPAVM4]	feminino	53	Calulo	00:48:35	Português	Quimbundo
[VACHIH5]	masculino	67	Fazenda da Quitila/ Calulo	00:51:15	Umbundo	Português
Total do tempo de gravações:				04:12:00		

Fonte: Elaboração do autor

Quanto à equipe do quimbundo, a base de dados inicial constituía-se de cerca de 29h de áudio compreendendo entrevistas, relatos, contos, provérbios e sessões de reunião sobre o ensino do quimbundo nas escolas. A temática das entrevistas era, na sua maioria, sobre o quimbundo ou do cotidiano dos entrevistados. Nas entrevistas, os documentadores fazem perguntas sobre os entrevistados e sobre o uso do quimbundo na comunidade e na família. Em quase todas as entrevistas houve a participação de um intérprete; em outras vezes o próprio entrevistado

²¹ O município do Libolo é composto por quatro comunas (distritos): Calulo, sede do município, Munenga, Cabuta e Quissongo.

²² A Tabela em questão foi organizada a partir das transcrições disponibilizadas por um dos pesquisadores da equipe do português responsável pela organização e sistematização do corpus do Libolo, que será acessível em uma futura *webpage* do Projeto.

falava em quimbundo, dando uma tradução de sua fala em seguida. Somam-se aos áudios da língua africana o acervo de vídeos produzidos nas quatro comunas do município do Libolo.²³

As primeiras entrevistas que passaram por transcrição, com cerca de 2 horas e meia no total, não tiveram a categorização por L1 ou L2 do falante como na Tabela 1, já que as entrevistas ocorreram predominantemente em quimbundo, com exceção das duas entrevistas mais longas. Praticamente todos os entrevistados pela equipe do quimbundo são bilíngues em português e quimbundo e em resposta ao formulário sociolinguístico não souberam informar qual das línguas consideraram primeira ou segunda. As entrevistas foram classificadas então como tendo o quimbundo ou o português como predominante:

TABELA 2 – Transcrições da Equipe do Quimbundo

Tipo de entrevista	Identificação	Local/ Comuna	Duração	Língua predominante na entrevista	Língua secundária na entrevista
<i>Entrevista mediada por um intérprete</i>	[LUAMAR]	Jongo/Quissongo	00:18:46	Quimbundo	Português
<i>Interlocutores em espaço público</i>	[VARINT1]	Mercado Kamama/ Calulo	00:03:55	Quimbundo	Português
<i>Entrevista em espaço público</i>	[VARINT2]	Mercado Kamama/ Calulo	00:04:27	Quimbundo	Português
<i>Contos em uma reunião familiar</i>	[GILHH1]	Jongo/Quissongo	00:42:36	Português	Quimbundo
<i>Reunião Pedagógica</i>	[VARPROF]	Missão Católica/ Calulo	01:06:38	Português	Quimbundo
Total do tempo de gravações:			02:25:03		

Fonte: Elaboração do autor

Para a transcrição dos dados do quimbundo, antes da nova fase em 2018, os pesquisadores da equipe do quimbundo utilizavam o ELAN

²³ Santos (2015, p. 66), em nota de rodapé, informa que o espólio do Projeto Libolo contava com cerca de 150 horas de material para análise, entre áudios e vídeos, depois da pesquisa exploratória ao Libolo em 2013, até aquela data. Só de áudio, cada equipe contribuiu com as seguintes quantidades de horas: 40 horas de gravações realizadas pelas equipes de Linguística; 50h de entrevistas realizadas pela equipe de História e cerca de 21 horas de entrevistas realizadas pela equipe de Antropologia.

por esse software permitir a criação de trilhas que indicassem os casos de empréstimos e *codeswitching* recorrentes nas entrevistas.

Neste ponto, vale oferecer algumas informações quanto às questões éticas na coleta dos dados em Angola. Os membros do Projeto Libolo têm seguido as normas vigentes de Angola considerando a realidade política do país, conforme procedimentos descritos por Rocha, Melo e Tommaso (2018, p. 143) e por Figueiredo *et al.* (2016, p. 21-22). Os autores relatam que foram realizadas reuniões com os administradores do Município do Libolo, além de solicitada a permissão dos sobas, as autoridades comunitárias. As visitas às comunas e as entrevistas eram sempre acompanhadas por um representante do governo angolano e com a participação do soba da localidade, corroborando as palavras de Rocha, Melo e Tommaso (2018, p. 143) que afirmam: “O *Soba*, assistido pelos *sobetos*, é de fato a maior autoridade civil da comunidade, desde os tempos pré-coloniais.”

5 Para a produção de corpora bilíngues quimbundo-português-quimbundo

Diante do material considerável sobre o quimbundo e a retomada de interesse por essa língua em diversos projetos de investigação, é proposta nas próximas subseções a construção de diferentes corpora, de modo a se pensar também na produção de corpora específicos quimbundo-português-quimbundo, em formato de corpora paralelos e/ou bilíngues.

5.1 Corpus escrito

O Corpus Tycho Brahe (CTB) já mencionado constitui-se de diversos corpora preocupados com a história do português, tanto em Portugal como no eixo África-Brasil (GALVES, 2018, 2019). Conforme Galves (2018, p. 49): atualmente o corpus contém 76 textos (= 3.302.696 palavras) e pretende ser alargado para 1.500.000 palavras de textos portugueses, 600.000 palavras de textos brasileiros e 150.000 de documentos africanos (GALVES, 2018, p. 50).

Além do corpus do Português Histórico e o Corpus Sintático, o Tycho Brahe abarca ainda o corpus Cafundó e Kadiwéu.²⁴ É nessa nova plataforma multilíngue do CTB que as gramáticas e documentos

²⁴ Disponível em: <https://www.tycho.iel.unicamp.br/browser>. Acesso em: 10 ago. 2020.

históricos do quimbundo podem figurar, sendo processados pelas ferramentas como eDictor²⁵ (PAIXÃO DE SOUZA; KEPLER; FARIA, 2012), utilizado na produção do corpus Kadiwéu (GALVES *et al.*, 2017). Em princípio, pelo valor histórico e pelo empenho de estudos historiográficos (ROSA, 2013), as gramáticas do século XVII e XIX, por já estarem digitalizadas e disponibilizadas em diferentes plataformas (Cf. QUADRO 1) podem ser as primeiras a serem inseridas em um corpus quimbundo-português-quimbundo escrito no CTB. De qualquer modo, tanto esses documentos digitalizados quanto as gramáticas do século XX enriquecerão sobremaneira os estudos não apenas historiográficos como também de descrição linguística.

Deve-se considerar que esses documentos são bilíngues, em português e quimbundo, e que a inserção em plataformas como o CTB deve levar em conta as particularidades de corpora bilíngues (BARRIÈRE, 2016; DEUCHAR *et al.*, 2014;). Por exemplo, a gramática de Dias (1697) representa também o português seiscentista (ROSA, 2013) e o quimbundo daquele período pode ser considerado um quimbundo clássico. Os mecanismos de etiquetagem e de busca para a produção de um corpus anotado poderá auxiliar pesquisadores do contato a procurar por empréstimos e construções que indiquem também a influência do português sobre o quimbundo (Cf. 5.4). A inserção de documentos históricos do quimbundo no CTB foi pensada em 2015, mas esbarrava naquele momento no manejo de textos bilíngues como é o caso das gramáticas e documentos diversos do quimbundo. Tais questionamentos deverão ser úteis para as demais plataformas com caráter bilíngue no referido Corpus.

5.2 Corpus de fala

Ciente de que boa parte dos trabalhos do Projeto Libolo se concentra sobre a variedade de português desse município, os pesquisadores do referido projeto logo perceberam o contato entre o português e a língua banta local, como mostra o exemplo (1) abaixo em que desde as transcrições preliminares da pesquisa de campo exploratória ao Libolo em 2013 a língua africana já se fazia presente:

²⁵ Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/edictor/> Acesso em: 23 nov. 2020.

(1) Português do Libolo [TEMALM3]

DOC1: E assim vocês falavam com o avô, não é? Você lembra esse tempo ainda?

INF: É// quan... quando falava com o avô?

DOC1: Hum.

INF: Lembro. Ele te manda. Fala assim [*fala em quimbundo*] em quimbundo já quando falava [*fala em quimbundo*]. O avô já é assim porque ele *num* sabe falar português. É. Português fala vai buscar panela, vai buscar cesto.

DOC1: Ham.

INF: Agora ele que *num* sabe te fala embora [*fala em quimbundo*].

Exemplos como em (1) confirmam que situações de bilinguismo são pervasivas nas entrevistas coletadas no Libolo, conforme constatado nas Tabelas 1 e 2 da seção 4. O recurso utilizado no início das transcrições era de indicar a alternância de língua do português para o quimbundo, ou vice-versa, entre colchetes: [*fala em quimbundo*]. Com o trabalho da equipe do quimbundo e o auxílio de colaboradores bilíngues quimbundo-português, os casos de entrevistas contendo ocorrências de *codeswitching* ou empréstimos puderam ser melhor detectados, transcritos e analisados. No entanto, considerando duas das publicações mais recentes seguindo a metodologia do C-ORAL-Angola (OLIVEIRA; ZANOLI; ANDRADE, 2018; ROCHA; MELLO; RASO, 2018), verifica-se ainda a proeminência dos estudos da variedade de português do Libolo em relação com a língua africana. Ressalta-se, portanto, que o ideal é a consolidação de corpora do quimbundo em paralelo com corpora do português em Angola por motivos que serão melhor detalhados nas subseções que seguem.

Por ora vale enfatizar que uma das línguas bantas de Angola tem agora a possibilidade de entrar no rol de línguas africanas que podem contar com corpora bilíngues, a exemplo dos corpora suaíli-inglês (Cf. 2.1 e 2.2). Para isso, é preciso que o quimbundo receba a atenção devida por parte dos pesquisadores do Projeto Libolo e que as questões de contato linguístico sejam consideradas e debatidas na produção dos corpora dos projetos que se ocupam de uma ou outra língua ou mesmo de ambas as línguas do Libolo. A depender da metodologia usada na constituição de corpora de fala do quimbundo, seja no bojo da família C-ORAL ou de outros corpora de línguas bantas como o HCS 2.0 (Cf. 2.2), o suporte empírico de corpora de fala contribuirão inestimavelmente nos trabalhos de descrição da língua quimbundo

propriamente dita e nos fenômenos decorrentes do contato com o português. Outra possibilidade é a construção de corpora paralelos quimbundo-português para o caso de dados como os de [GILHH1] da Tabela 2 em que um mesmo conto de animais foi contado por um idoso em quimbundo e em seguida recontado em português por um jovem da comuna do Quissongo.

Outro detalhe a ser considerado é a necessidade de descrição linguística do quimbundo (H20) e seu contínuo dialetal, no caso o *ngoya* (H23) frente a outros grupos dialetais. Desse modo, a constituição de corpora do quimbundo deve andar junto com o melhor entendimento da gramática da língua banta ensejando a produção de gramáticas descritivas que devem auxiliar os pesquisadores bantuistas e do português com um conhecimento mais seguro da língua e seus contatos com as variedades de português angolano (ARAÚJO; PETTER; JOSÉ, 2018).

5.3 Questões de contato linguístico entre o quimbundo e o português

Nesta subseção são exemplificados os possíveis casos que a produção dos corpora deverá encarar no manejo dos dados das variedades linguísticas do Libolo. Foram selecionados alguns exemplos que ilustram a realidade bilíngue do Libolo. Com isso, a alternância de língua nas entrevistas é bem documentada, ocorrendo exemplos como abaixo:

(2) *Codeswitching* português-quimbundo [VARINT1]

Samo daqui mesmo, *kumbala iami ku Kibuma*, tava lá na Kibuma. É agora que vieu (vimos?) aqui *na* Kapemba.

‘Somos daqui mesmo, *o meu bairro é o Kibuma*, (mas) estávamos lá na Kibuma. É agora que vimos para Kapemba.

Na entrevista em (2), a língua predominante era o português, mas a falante alterna com o quimbundo além de produzir formas que indicam ser o português sua L2, o caso de “vieu”, a tentativa de utilizar o passado do verbo “vir” sem a concordância com a primeira pessoa do plural iniciada na sentença. Esse exemplo é retirado de transcrições prévias realizadas ainda em Angola. Observa-se que o trabalho de segmentação e de glosa ainda não havia sido realizado com auxílio do colaborador bilíngue.

Como as entrevistas da equipe do quimbundo se concentravam sobre a língua banta, ocorrem principalmente exemplos de *codeswitching* quimbundo-português, como no exemplo (3):

(3) *Codeswitching* quimbundo-português²⁶ [VARINT1]

Aí na Bula. Iji wo ku mu-igile *esse nu lhe conhece.*

Aí, na Bula Disse lhe NEG MO-conhecer *esse não lhe conhece.*

Mu-kage a *só Fikeletu* we-kexi ku Longa.

CL-Mulher dele, *senhor Figueiredo* 2sg-COP LOC Longa.

‘Aí no (bairro) Bula. Disse se você lhe conhece, esse não lhe conheço. A mulher dele, do senhor Figueiredo que estava no Longa.’

Observa-se que tanto nas entrevistas em português ou em quimbundo há a alternância entre as línguas, caracterizando alguns casos de *codeswitching* e em outros a utilização de empréstimos, talvez o caso de *só Fikeletu* para “senhor Figueiredo”. Por se tratar de dados de fala espontânea, alguns exemplos são de produção de sentença em uma língua seguidos da repetição em outra língua, como em (4):

(4) *Codeswitching* quimbundo-português [GILHH1]

êh Ni-lombol-a *não tem medo* eme ke ni kala

MD MS-pedir-VF *não tenho medo* 1ps NEG COM COP

uoma uaia

medo PRON

‘Oh... peço com pena... não tenho medo... eu não tenho medo deles...’

²⁶ Para os exemplos em línguas africanas, utiliza-se uma transcrição ortográfica, sem marcação tonal, apresentando primeiramente os segmentos e as glosas, em seguida uma tradução livre entre aspas simples. Para fins de simplificação, não é indicada a numeração das classes nominiais, comum na literatura bantuista. As abreviaturas das glosas são: 1, 2, 3 sg = primeira, segunda, terceira pessoa singular; 1, 2, 3 pl = primeira, segunda, terceira pessoa plural; CL = classe nominal; CONJ = conjunção; COM = comitativo; COP = cópula; IDEO = ideofone; INF = infinitivo; LOC = locativo; MD = Marcador discursivo; MS = marca do sujeito; MO = marca do objeto; NEG = negativa; RFL = reflexivo; PPF = pré-prefixo; PRON = pronome; TAM = marca de tempo, modo e aspecto; VF = vogal final. Para uma rápida apresentação da estrutura das línguas bantas, sugiro o capítulo 2 de Araújo (2013).

Esse tipo de dados em (4) é bastante comum nas entrevistas quando os interlocutores sabiam do interesse dos pesquisadores no quimbundo. Os entrevistados falavam em quimbundo seguindo de uma tradução. Esses dados demonstram a necessidade de uma categorização dos exemplos, a depender dos objetivos de pesquisa.

Além desses casos, verificam-se outros de adaptação morfofonológica de palavras e expressões do português no quimbundo, o que pode ser denominado como uma quimbundização (equivalente ao aportuguesamento) do português do Libolo. No exemplo abaixo vê-se a repetição que seria em português do quimbundo, mas com a realização dos itens em conformidade com o sistema fonológico da língua banta:

(5) *Codeswitching* quimbundo-português²⁷ [GILHH1]

êh	sô	mu-ki-fut-a	ohi?	Paka kiê, paka kwantu?
MD	senhor	CL-?-pagar?-VF	quanto?	Paga quê paga quanto

‘É... então senhores pagam quanto? Paga o quê? Paga quanto?’

Ao invés de uma alternância simples para o português que levaria a forma “paga quê, paga quanto”, o falante utiliza formas adaptadas à fonologia do quimbundo: *paka* e *kiê*, e mesmo *sô* para “senhor”.

Os exemplos de (2) a (5) confirmam que os fenômenos de contato entre o quimbundo e o português são bastante arraigados na comunidade de fala do Libolo. Conhecer melhor a situação de contato contribui para uma caracterização do estatuto de cada língua e as consequências sociolinguísticas desses contatos. Por exemplo, qual a melhor forma de descrever a situação atual de contato entre o quimbundo e o português no Libolo? Convergência de línguas, atrito ou substituição de língua (*language shift*)? Araújo e Petter (Manuscrito) levantam alguns desses questionamentos que apenas uma análise dos contatos quimbundo-português podem esclarecer melhor. Por outro lado, entender os contatos linguísticos entre as línguas do Libolo pode colaborar no trabalho de etiquetagem na produção de corpora anotados quimbundo-português-

²⁷ É indicado com o sinal de interrogação “?” no lugar da glosa sempre que houver alguma dúvida quanto à categoria de um morfema ou a melhor glosa para uma categoria. O exemplo (5) foi transcrito com auxílio de colaborador falante nativo do quimbundo e a sugestão da grafia *paka* e *kiê* indicam a acomodação do português no quimbundo L1 dos falantes.

quimbundo. Em outras palavras, frente a exemplos como os enumerados acima, como definir adequadamente se são situações de empréstimo ou *codeswitching*? A próxima subseção busca exemplificar este último questionamento.

5.4 Os corpora bilíngues escrito e de fala e análises do quimbundo e do português como línguas em contato

Com a produção do corpus bilíngue específico do português e do quimbundo será possível verificar a real produtividade e integração de alguns empréstimos do português no quimbundo e vice-versa. Enquanto alguns empréstimos parecem já figurar em gramáticas da língua de fins do século XIX e meados do século XX, outras ocorrências caem na dubiedade entre *codeswitching* e empréstimo, a exemplo de *xitalata* (estrada) a seguir:

(6) Quimbundo [VARINT1]

Jina	die	Losita.	W-aiula	o	xitalata	xa	Longa
Nome	dele	Rochita	2ps-arranjar	PPF	estradas	do	Longa
ne	xa	Kabuta	ne	ia	Kisongo.		
CONJ	da	Cabuta	CONJ	do	Quissongo.		

‘O nome dele é Rochita, que arranjou as estradas do Longa, da Cabuta e do Quissongo.’

A aparente dúvida se manifesta por não se ter informação certa se *xitalata* é realmente usado em todos os contextos referentes a estrada ou apenas em contextos específicos, já que existe palavra para estrada em quimbundo. Outro ponto é o uso do pré-prefixo *o* do quimbundo comumente confundido com o artigo masculino singular do português. Estudos sobre a integração de empréstimos do português em línguas angolanas é praticamente inexistente, por outro lado, o da situação inversa é mais conhecido. É o caso do trabalho de Miguel (2019) que partindo de 36 entrevistas realizadas em Luanda em 2012 e 2013 selecionou 255 empréstimos lexicais, em sua maioria do quimbundo. No entanto, como as entrevistas foram conduzidas em português e o foco do trabalho era a integração de empréstimos bantos no português de Luanda, o caso inverso não é mencionado, ou seja, o da integração de empréstimos do português no quimbundo. A produção de um corpus escrito e anotado do

quimbundo poderá contribuir na identificação dos possíveis empréstimos já registrados em gramáticas do quimbundo e que indiquem seu real estatuto de empréstimos integrados.

Nos próximos exemplos, de (7) a (14), são apresentados casos de empréstimos de preposições “para” e “até” e conjunções, “mas” e “se” do português no quimbundo registrados tanto nas entrevistas orais quanto nas gramáticas do século XIX e XX. Esses exemplos são interessantes porque logo no início das transcrições esses casos eram encarados como *codeswitching* ou *nonce borrowing* (empréstimos de uma única vez, em tradução livre) até que foram encontrados exemplos similares nas gramáticas do quimbundo ainda no século XIX, o que indica que podem ser na verdade empréstimos já integrados na língua banta.

Para fins de padronização foram acrescentadas glosas nos exemplos retirados das gramáticas do quimbundo, seguindo as mesmas abreviaturas já propostas.

– Preposição “para” do português como *pala* no quimbundo:

(7) Corpus do quimbundo do Libolo [LUAMAR]

tutulukutu	<i>pala</i>	ku-zol-a
IDEO (bater os pés)	<i>para</i>	INF-rir-VF
‘Batam os pés para rir’		

(8) (MAIA, 1964, p. 94)

Eme	ng-el-e	ko	Sikola	<i>pala</i>	ku-li-longes-a
1sg	MS.1sg-vir-VF	LOC	escola	<i>para</i>	INF-RFL-ensinar-VF
‘Eu vim à escola para aprender’					

– Preposição “até” do português como *katé* no quimbundo:

(9) Corpus do quimbundo do Libolo [GILHH1]

Otxó	we-riendé	<i>katé</i>	obó,	mumamé	iji:	eie
quando	MS-andar	<i>até</i>	lá	mulher	dizer	2sg
wa-landuka	eie					
MS-malandrar	2sg					

‘Quando ele andou até lá, a mulher dele disse: você malandreira’

(10) (CHATELAIN, 1888/89, p. 116)

Tunde mu Luanda *katé* mu Ndongo **ji-lekua**.
 Desde LOC Luanda *até* LOC Ndongo CL-léguas
 ‘De Luanda até o Ndongo são léguas’

– Conjunção “mas” do português como *maji* no quimbundo:

(11) Corpus do quimbundo do Libolo [GILHH1]

bit-el-a kuno tu-ban-e **maji** ku-be kibalo
 chegar-?-VF aqui 3pl-dar-VF **mas** NEG-dar contribuição
 Chega aqui, damos, **mas** não dás contributo.

(12) (MAIA, 1951, p. 114)

É, iene muê, o-kuendje; **maji** ke **mbalão** mokonda
 é isso mesmo PPF-rapaz **mas** NEG **balão** porque
 íí lo **motor** **pala** u-ana lo mapapa **pala**
 COP COM **motor** **para** MS-puxar COM asas **para**
 ukatuka ku elu.
 ficar LOC céu
 ‘É isso mesmo, rapaz; mas não é balão porque tem motor para o puxar e asas para se conservar no ar’

– Conjunção “se” do português como *se* no quimbundo:

(13) Corpus do quimbundo do Libolo [LUAMAR]

eie u-a-il-e ni o mu-ana mu **xicola** **se**
 2ps MS-TAM-ir-VF COM PPF cl-criança LOC **escola** **se**
 ue-kala o mu-an-a mu **xicola**
 2ps-COP PPF cl-criança LOC **escola**
 ‘Você foi com o filho à escola, se estava o filho na escola.’

(14) (CHATELAIN, 1988/89, p. 49)

<i>Se</i> ua-le-valel-e,	uo-jofuta
<i>se</i> MS-TAM-dever-VF	MS-pagar

‘Se ele devesse, havia de pagar’

Além dos empréstimos de preposições e conjunções, já se verificam empréstimos de nomes como *ji-lékua* (léguas) em (10), *mbalão* (balão) e *motor* em (12) e *xicola* (escola) em (13).

Todos esses exemplos que caracterizam o quimbundo e o português do Libolo como línguas em contato devem ser considerados na construção dos corpora bilíngues das línguas. Deve ter ficado patente nos exemplos discutidos que a perspectiva enfatizada neste trabalho recai mais sobre a língua africana, considerando-se que em grande parte dos debates teóricos sobre a relação entre o quimbundo e o português enfatiza-se as influências da(s) língua(s) banta(s) no português (MINGAS, 2000; MIGUEL, 2019) subjacente até mesmo na própria hipótese de um continuum afro-brasileiro de português (LÓPEZ; GONÇALVES; AVELAR, 2018; PETTER, 2008).

Com a organização dos corpora bilíngues pretendidos e propostos neste trabalho, espera-se que se tenha um entendimento maior sobre a influência do português sobre o quimbundo ao se analisar a produtividade dos empréstimos *pala*, *katé*, *maji* e *se*, dentre outros. Casos como esses indicam que o histórico de contato entre o quimbundo e o português favorecem uma situação de convergência, nos termos de Myers-Scotton (2002). No entanto, tais elucubrações só serão de fato constatadas com o exame em corpora escritos e de fala quimbundo-português-quimbundo, como demonstrado rapidamente nos exemplos (7) a (14).

Retomo, assim, algumas considerações das subseções 5.1 e 5.2 no que diz respeito à complementaridade entre esses diferentes corpora. O quimbundo, como já apresentado em 3.1, goza de uma relativa tradição descritiva que pode contribuir com a constituição de trabalhos históricos, filológicos ou diacrônicos (BONVINI, 2009; ROSA, 2013) sobre a língua e sua relação com o português, no Brasil e em Angola. Reafirmo, portanto, a importância de se levar a cabo a inserção mais que oportuna dos documentos escritos do quimbundo no CTB, como também a necessidade de que os pesquisadores do Projeto Libolo levem a descrição do quimbundo mais seriamente, não apenas para fins comparativos ou contrastivos com variedades do português, mas para uma descrição da

realidade sociolinguística do Libolo condizente com um contexto de multilinguismo, conforme observada na área de transição etnolinguística encontrada na região do Libolo.

Um outro detalhe que deve ser mencionado na construção dos corpora bilíngues é justamente a realidade sociolinguística do Libolo, que poderá trazer mais surpresas. Por ser área de transição etnolinguística entre as zonas H e R (ANGENOT; MFUWA; RIBEIRO, 2011), pode decorrer disso a possibilidade de fenômenos de contato não apenas entre o português e o quimbundo, mas do grupo quimbundo (H20) com o grupo umbundo (R10), o que poderá acarretar dados bilíngues quimbundo-umbundo ou mesmo trilíngues quimbundo-umbundo-português. Tal constatação é exemplificada no caso de *codeswitching* quimbundo-umbundo em (15):

(15) *Codeswitching* quimbundo-umbundo [LUAMAR]

D - A senhora fala quimbundo? o *kimbundu* *zuela*?
quimbundo... fala...?

A - *wa* eye eye eye o **limi** **lia** o kimbu.ndu mwene?
MS 2ps 2ps 2ps PPF língua de PPF quimbundo mesmo
‘Você, você, você, (fala) a língua do quimbundo mesmo?’

No trecho da entrevista acima, o documentador D pergunta em português, logo depois tenta repetir a pergunta em quimbundo. Já o intérprete A pergunta para a informante, inicia a pergunta em quimbundo e produz um *codeswitching* com o umbundo. No processo de transcrições das entrevistas, principalmente das comunas mais distantes do centro do município, Calulo, como as do Quissongo, esse tipo de *codeswitching* entre quimbundo e umbundo é esperado por ser aquela região uma zona de transição etnolinguística. Veja-se ainda que um dos entrevistados na Tabela 01 tinha como língua materna o umbundo.

6 Conclusão

Trazendo para a discussão a relação mais do que necessária entre a Linguística Africana (PETTER, 2015) e a Linguística de Corpus (SARDINHA, 2004) como áreas disciplinares independentes e que podem ser mais relacionadas, este artigo tomou como foco o caso da

produção de corpora bilíngues quimbundo-português-quimbundo em suas modalidades escrita e de fala para apresentar e exemplificar as possibilidades de explorar a situação de contato existente no caso da língua banta em sua história com o português.

Com uma breve apresentação dos corpora existentes de línguas africanas e a carência de mais corpora bilíngues dessas línguas (subseções em 2), o quimbundo e o português de Angola foram discutidos em 3, desde os documentos históricos sobre a língua africana deste estudo (em 3.1) aos estudos atuais dedicados às duas línguas (em 3.2). As pesquisas sobre as relações de contato entre o quimbundo e o português tiveram um impulso nas últimas 3 a 4 décadas com pesquisas acadêmicas sobre a língua banta, mas principalmente pela atenção de projetos de cunho internacional, como o Projeto Temático “O Português no Tempo e no Espaço” e o Projeto Libolo”. A metodologia foi apresentada da forma como era seguida inicialmente pelos pesquisadores do Projeto Libolo no tratamento dos dados das variedades linguísticas do quimbundo e do português presentes no Libolo, interior de Angola (Kwanza Sul). Através desses dois projetos, foram apresentadas propostas de construção de corpus escrito (em 5.1) para o quimbundo e o português, sugerindo-se a plataforma multilíngue do Corpus Tycho Brahe (CTB) com o uso de suas ferramentas de tratamento de documentos históricos. Já para a produção de um corpus de fala (em 5.2) foram discutidos algumas problemáticos sobre o tratamento de dados bilíngues em corpora. Por fim, em 5.3 foram discutidas questões relativas ao tratamento de ocorrências de *codeswitching* e empréstimos nesses a partir de exemplos retirados do corpus do Projeto Libolo. Em 5.4 foram apresentados dados de como a correlação entre os corpora escrito e de fala podem corroborar a integração de empréstimos do português no quimbundo, já que as pesquisas sobre a integração de empréstimos do quimbundo no português recebem uma maior atenção dos pesquisadores (MIGUEL, 2019).

Espera-se que este artigo descortine iniciativas antevistas nas seções anteriores, assim como o estímulo de pesquisas sobre o contato linguístico entre o português e o quimbundo para tornar mais empiricamente informados os estudos sobre as chamadas influências das línguas bantas nas variedades de português do Brasil e de Angola, assim como a hipótese de um continuum afro-brasileiro de português (LÓPEZ; GONÇALVES; AVELAR, 2018; PETTER, 2008).

Agradecimentos

Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela bolsa de pós-doutorado (Processo 13/20567-5), que financiou parte dos resultados de pesquisa deste artigo decorrentes do projeto “O português e o quimbundo (H20) do Libolo, Kwanza Sul, Angola – avaliando modelos teórico de línguas em contato” vinculado ao Projeto Temático “A Língua Portuguesa no Tempo e no Espaço: contato linguístico, gramáticas em competição e mudança paramétrica” (Processo 12/06078-9). Agradeço ainda a um parecerista anônimo por suas sugestões e observações que muito contribuíram para uma apresentação da temática deste artigo mais acessível. Os problemas remanescentes são de minha total responsabilidade.

Referências

- ADAMOU, E. *A Corpus-Driven Approach to Language Contact: Endangered Languages in a Comparative Perspective*. Berlim: de Gruyter, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1515/9781614516576>
- ALLWOOD, J.; HENDRIKSE, A. Spoken Language Corpora for the Nine Official African Languages of South Africa. *Southern African Linguistics and Applied Language Studies*, [S.l.], v. 21, n. 4, p. 189-201, 2003. DOI: <https://doi.org/10.2989/16073610309486343>
- ANGENOT, J.-P.; ANGENOT, G. de L.; HUTA-MUKANA, D. M. Comparision between the Ipala-Ngoya, Kimbundu and Umbundu Tone-Cases Systems. *Revista Língua Viva*, Porto Velho, RO, v. 3, n. 1, p. 1-28, 2013.
- ANGENOT, J.-P.; KEMPF, C. B.; KUKANDA, V. Arte da Língua de Angola de Pedro Dias (1697) sob o prisma da dialetologia Kimbundu. *Papia*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 231-252, 2011.
- ANGENOT, J.-P.; MFUWA, N.; RIBEIRO, M. A. As classes nominais do kibala-ngoya, um falar bantu de Angola não documentado, na intersecção dos grupos kimbundu [H20] e umbundo [R10]. *Papia*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 253-266, 2011.
- ARAÚJO, P. J. P.; PETTER, M. *O português e o quimbundo do Libolo (Angola): línguas em contato* (Manuscrito).

ARAÚJO, P. J. P.; PETTER, M.; JOSÉ, J. A. Variedades de português angolano e línguas bantas em contato. In: OLIVEIRA, M. S. D. de; ARAÚJO, G. A. de (org.). *O português na África Atlântica: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. São Paulo: Humanitas, 2018. p. 17-46.

ARSÉRNIO, M. J.; SEBASTIÃO, J. J. C.; ADÃO, A. *Manual de Alfabetização em Kimbundu*. Luanda: África Internacional, 2012.

ASSIS JR., A. *Dicionário Kimbundu-Português*. Luanda: Argente, Santos e Comp., [s./d.].

BAIÃO, D. V. *Quimbundo sem mestre: gramática popular da língua Kimbundu conforme é falada nos distritos de Luanda e Malange/O Kimbundu prático ou guia de conversação em Português-Kimbundu*. Porto: Imprensa Moderna, 1946.

BARRIÈRE, C. *Natural Language Understanding in a Semantic Web Context*. Cham, Switzerland: Springer, 2016. DOI: 10.1007/978-3-319-41337-2

BATALHA, L. *A Lingua de Angola*. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1891.

BONVINI, E. Revisiter, trois siècles après, Arte da língua de Angola de Pedro Dias S. I. (1697), première grammaire du kimbundu. In: PETTER, M.; BELINE, R. (org.). *Proceedings of the Special World Congress of African Linguistics, São Paulo, 2008: Exploring the African Language Connection in the Americas*. São Paulo: Humanitas, 2009. p. 15-45.

CANNECATTIM, B. M. de. *Diccionario da língua bunda, ou angolense explicada na portuguesa, e latina*. Lisboa: Impressão Régia, 1804.

CANNECATTIM, B. M. de. *Collecção de observações grammaticaes sobre a língua bunda, ou angolense*. Lisboa: Impressão Régia, 1805.

CHATELAIN, H.. *Folk tales of Angola/Contos populares de Angola*. Nova York/Lisboa: The American Folk-Lore Society/Agência Geral do Ultramar, 1894/1964.

CHATELAIN, H. *Grammatica elementar do kimbundu ou língua de Angola/Kimbundu grammar*. Genève: Type de Charles Schuchardt, 1888/1889.

DEUCHAR, M.; DAVIES, P.; HERRING, J. R.; PARAFITA COUTO, C.; CARTER, D. Building Bilingual Corpora. In: THOMAS, E. M.; MENNEN, I. (org.). *Advances in the Study of Bilingualism*. Bristol: Multilingual Matters, 2014. p. 93-110. DOI: <https://doi.org/10.21832/9781783091713-008>

DIAS, P. *Arte da língua de Angola, oferecida a Virgem Senhora N. do Rosario, Mãe, e Senhora dos mesmos Pretos, pelo P. Dias da Companhia de Jesu*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1697. Edição fac-similar da Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2006.

ESIJAME, A.; GUT, U.; ANTIA, B. (org.). *Corpus Linguistics and African Englishes*. Amsterdam: John Benjamins, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1075/scl.88>

FERNANDES, G. Primeiras descrições das línguas africanas em língua portuguesa. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, n. 49, p. 43-67, 2015. DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.v1i49.88>

FIGUEIREDO, C. F. G. Aspectos histórico-culturais e sociolinguísticos do Libolo: aproximações com o Brasil. In: OLIVEIRA, M. S. D. de ARAÚJO, G. A. de. (org.). *O português na África Atlântica: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. São Paulo: Humanitas, 2018. p. 47-97.

FIGUEIREDO, C. F. G. *Retratos do Libolo*. Lisboa: Chiado Editora, 2016. v. 2.

FIGUEIREDO, C. F. G.; NEGRÃO, E. V.; OLIVEIRA, M. S. D.; PETTER, M. Autorização de recolha e de apresentação de dados e imagens. In: FIGUEIREDO, C. F. G.; OLIVEIRA, M. S. D. de. (org.). *Linguística, História, Antropologia e Ensino no Kwanza Sul, Angola*. Lisboa: Chiado Editora, 2016. p. 21-22.

FIGUEIREDO, C. F. G.; OLIVEIRA, M. S. D. de. (org.). *Linguística, História, Antropologia e Ensino no Kwanza Sul, Angola*. Lisboa: Chiado Editora, 2016. v. 1.

FIGUEIREDO, C.; OLIVEIRA, M. S. D. de. Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. *Papia*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 105-185, 2013.

GALVES, C. O *corpus* Tycho Brahe: um *corpus* sintaticamente anotado do português histórico. *Revista Binacional Brasil Argentina: Diálogo entre as Ciências*, Vitória da Conquista, BA, v. 8, p. 181-204, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22481/rbba.v8i1.5585>

GALVES, C. The Tycho Brahe Corpus of Historical Portuguese: Methodology and Results. *Linguistic Variation*, Amsterdam; Philadelphia, v. 18, n. 1, p. 49-73, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1075/lv.00004.gal>

GALVES, C.; SANDALO, F.; SENA, T.; VERONESI, L. Annotating a Polysynthetic Language: From Portuguese do Kadiwéu. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 59, n. 3, p. 361-648, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v59i3.8651003>

GREENBERG, J. *The Languages of Africa*. Bloomington: Mouton de Gruyter, 1963.

GÜLDEMANN, T. (org.). *The Languages and Linguistics of Africa*. Berlim: de Gruyter, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110421668>

HAMMARSTRÖM, H. An Inventory of Bantu Languages. In: VELDE, M. van de; BOSTOEN, K.; NURSE, D.; PHILIPSON, G. (org.). *The Bantu Languages*. Londres: Routledge, 2019. p. 17-78. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315755946-2>

HUTH, K. *Untersuchungen zum nominalklassensystem des kimbundu (vr Angola) unter Berücksichtigung der entwicklungstendenzen siener urbanen varianten*. 1984. 169 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Karl-Marx-Universität, Leipzig, 1984.

LÓPEZ, L. Á.; GONÇALVES, P.; AVELAR, J. O. de. (org.). *The Portuguese Continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam: John Benjamins, 2018.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788523208752>

MAIA, A. da S. *Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo* (Linguas Nativas do Centro e Norte de Angola). Luanda: Cooperação Portuguesa, 1961.

MAIA, A. da S. *Lições de gramática de quimbundo: português e banto* (Dialecto Omumbuim). Cucujães: Escola Tipográfica das Missões, 1957.

MAIA, A. da S. *Guia prático para a aprendizagem das línguas Portuguesa e Omumbuí* (Língua indígena de Gabela-Amboim-Quanza-Sul-Angola) - Dialecto do Kimbundo. Cucujães: Escola Tipográfica das Missões, 1951.

MATTA, J. D. C. da. *Ensaio de Dicionario Kimbúndu-Portuguez*. Lisboa: Casa Editora António Maria Pereira, 1893.

MIGUEL, A. J. *Integração morfológica e fonológica de empréstimos lexicais bantos no Português Oral de Luanda*. 2019. 401f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Lisboa, 2019.

MINGAS, A. A. *Interferência do Kimbundu no português falado em Luanda*. Lisboa: Campo das Letras, 2000.

MYERS-SCOTTON, C. *Language Contact: Bilingual Encounters and Grammatical Outcomes*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

NURSE, D.; PHILIPSON, G. (org). *The Bantu Languages*. Londres: Routledge, 2003.

OLIVEIRA, M. S. D. de; ARAÚJO, G. A. de (org.). *O português na África Atlântica: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. São Paulo: Humanitas, 2018.

OLIVEIRA, M. S. D. de; ZANOLI, M. de L.; ANDRADE, G. M. Marcadores discursivos no português falado em Angola, subvariedade Libolo: um estudo inicial de base prosódico-pragmática. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 20, n. Especial, p. 159-186, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v20iEspecialp159-186>

PACCONIO, F. *Gentio de Angola sufficientemente instruido nos mysterios de nossa sancta Fé*. Lisboa: Lopes Rosa, 1642.

PAIXÃO DE SOUZA, M. C.; KEPLER, F. N.; FARIA, P. P. F. de. E-Dictor: novas perspectivas na codificação e edição de corpora de textos históricos. In: PINTO, M. V.; SHEPERD, T.; SARDINHA, T. B. (org.). *Caminhos da Linguística de Corpus*. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 191-224.

PEDRO, J. D. Étude grammaticale du kimbundu (Angola). 1993. 380 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade René Descartes, Paris, 1993.

PETTER, M. A classificação das línguas africanas. In: PETTER, M. (org.). *Introdução à Linguística Africana*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 49-86.

PETTER, M. *Variedades lingüísticas em contato: português angolano, português brasileiro e português moçambicano*. 2008. 212 f. Tese (Livro-Docência) - Universidade de São Paulo, 2008.

PETTER, M.; ARAÚJO, P. J. Linguística Africana: passado e presente. In: PETTER, M. (org.). *Introdução à Linguística Africana*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 27-48.

QUINTÃO, J. L. *Gramática de Kimbundu*. Luanda: Edições Descobrimentos, 1934.

ROCHA, B.; MELLO, H.; RASO, T. Para a compilação do C-ORAL-ANGOLA: um corpus de fala espontânea informal do português angolano. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 20, n. Especial, p. 139-157, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v20iEspecialp139-157>

ROSA, M. C. *Uma Língua Africana no Brasil Colônia de Seiscentos: o quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias*. S. J. Rio de Janeiro: Faperj; 7 Letras, 2013.

ROUX, J. C.; NDINGA-KOUMBA-BINZA, S. African Languages and Human Language Technologies. In: WOLFF, E. (org.). *The Cambridge Handbook of African Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 623-649. DOI: <https://doi.org/10.1017/9781108283991.022>

SANTOS, E. F. dos. *Sentenças marcadas para o foco no português do Libolo: uma proposta de análise derivacional*. 2015. 157f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SARDINHA, T. B. *Lingüística de Corpus*. Barueri: Manole, 2004.

SOUSA, M. de F. L. de; KUKANDA, V.; SANTIAGO, J. L. A posição lexical do Songo dentro do grupo H20 (Kimbundu *strictu sensu*, Sama, Bolo, Songo). *Papia*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 303-314, 2011.

VANSINA, J. Portuguese vs Kimbundu: Language Use in the Colony of Angola (1575-c. 1845). *Bulletin des Seances de l'Academie des Sciences d'Outre-Mer*, Bruxela, Bélgica, v. 47, n. 3, p. 267-281, 2001.

VELDE, M. van de; BOSTOEN, K.; NURSE, D.; PHILIPSON, G. (org.). *The Bantu Languages*. Londres: Routledge, 2019.

VIEIRA-MARTINEZ, C. E. *Building Kimbundu: language community reconsidered in West Africa, c. 1500-1750*. 2006. 264 f. Dissertação (Mestrado em História) - University of California, Los Angeles, 2006.

VOSSSEN, R.; DIMMENDAAL, G. (org.). *The Oxford Handbook of African Languages*. Oxford: Oxford University Press, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199609895.001.0001>

WEINREICH, U. *Languages in Contact. Findings and Problems*. Nova York: Linguistic Circle of New York; De Gruyter, 1953.

WENDLING, V. *Catecismo da Doutrina Cristã em Portuguez com uma versão em Kimbundo, Dialeto do Libolo*. Lisboa: Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, 1922. (Manuscrito.)

WOLFF, E. (org.). *The Cambridge Handbook of African Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1017/9781108283991>

XAVIER, F. da S. *Fonologia Segmental e Supra-Segmental do Quimbundo - Variedades de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange*. 2010. 158f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.